

A Primeira Viagem Norte-Americana a Macau: os diários de Samuel Shaw (1754-1794)

Rogério Miguel Puga*

There are countless examples of this search [for new markets]: stories of men long since forgotten – so commonplace was adventure in their day – and of commodities we hardly remember. As good as any is the story of Major Samuel Shaw and the marketing of ginseng. [...] Leaving New York harbor in early 1784, he sailed eastward [...] and after six months finally reached the exotic shores of Java and Macao en route to Canton.

Daniel J. Boorstin, *The Americans: The National Experience* (1965).

O *major* Samuel Shaw (1754-1794)¹ após servir os interesses dos Estados Unidos da América (E.U.A.) durante a Revolução da Independência, vive durante vários anos no Sul da China, desenvolvendo actividades diplomáticas e comerciais descritas no seu diário,² tal como as possibilidades e mais-valias do comércio entre o seu país e o Império do Meio, o *modus vivendi* e os interesses dos habitantes desta última nação. O diarista inicia-se no *China trade* a convite de Daniel Parker,³ tornando-se, na

* Professor da Universidade de Macau.

¹ Para um estudo biográfico sobre a figura de Samuel Shaw, veja-se Josiah Quincy (1968b: 1-124), que, na sua juventude, conheceu o diplomata (*idem, ibidem*, p. viii). O cônsul nasce em 2 de Outubro de 1754 (Boston, Massachusetts), sendo o terceiro filho do mercador Francis e de Mary Shaw, estudando na Escola Latina sob a tutoria de James Lovell. A sua carreira militar estende-se de 1775 a 1784, e, em Novembro de 1783, Shaw recebe do General Washington um testemunho do mérito dos seus serviços no exército da Revolução, envolvendo-se no comércio com a China na companhia de Thomas Randall, capitão de quem ficara amigo na guerra.

² Jacques M. Downes (1997: 39) aborda a problemática da recepção actual do diário: “[...] Major Samuel Shaw, first American supercargo and first consul, whose eighteenth-century sense of personal and national honor make him seem rather stiff to a modern reader of his journal and letters [...]”; itálico nosso.

³ Cf. Samuel Shaw (1968: 133, obra doravante designada de SS). O diarista afirma que os três amigos têm como objectivo “[...] tentar a sorte juntos [...]”; tradução nossa.

companhia de Thomas Randall, o primeiro sobrecarga norte-americano⁴ a visitar a China, onde a rival Inglaterra se encontra já fortemente estabelecida, retirando proveito do enclave português nas proximidades de Cantão. No dia do aniversário do (futuro) presidente George Washington, em 22 de Fevereiro de 1784, e cerca de cinco meses após a assinatura do Tratado de Paris, entre a Grã-Bretanha e os E.U.A., Shaw parte para o Sul da China, a bordo do *Empress of China*, pertença do banqueiro Robert Morris, regressando a Nova Iorque, em 11 de Maio de 1785, completando a primeira viagem norte-americana ao Império do Meio, cujo objectivo é a busca quer de mercados alternativos às Índias Ocidentais inglesas, destino agora vedado à jovem república, quer de chá para o mercado interno. Shaw, imediatamente convidado para desempenhar funções no Departamento de Guerra dos E.U.A., escreve então a John Jay, Ministro dos Negócios Estrangeiros,⁵ relatando a sua empresa, tarefa para a qual se baseia na informação que recolhera no seu diário. O mercador é nomeado (primeiro) cônsul norte-americano, em Cantão, pelo Congresso, em Janeiro de 1786, renovando o presidente Washington a nomeação quatro anos mais tarde.⁶

Em 4 de Fevereiro de 1786, Samuel viaja, pela segunda vez, para a China, chegando a Macau, em 15 de Agosto, local onde reside em 1787, antes de partir para Bengál (18-01-1788), regressar a Cantão (09-1788), e, em Janeiro do ano seguinte, ao seu país, onde chega em 5 de Julho.⁷ Em 28 de Março de 1790, Shaw embarca, pela terceira vez, rumo a Cantão a

⁴ O supracarga é o oficial (comissário) que tem como função inicial representar os interesses dos donos da mercadoria que acompanha na embarcação a que é destinado, supervisionando quer a mercadoria quer a sua comercialização na China. O termo acaba por ser aplicado a qualquer agente comercial que se estabeleça em países estrangeiros e aos oficiais que, após a fundação do *Select Committee*, no caso da Companhia das Índias inglesa, se estabelecem em Macau e Cantão, e que desempenham também as funções de escriturários, tradutores, médicos e outros técnicos que levam também a cabo comércio privado a par dos negócios da Companhia. Sobre o quotidiano e funções dos sobrecargas norte-americanos veja-se Jacques M. Downes: 143-144.

⁵ Samuel Shaw (1968b), "To the Honorable the Minister of the United States for Foreign Affairs. New York May 19th, 1785" (SS: 337).

⁶ Cf. Josiah Quincy (1968a: v).

⁷ Durante esta mesma viagem, o diplomata e comerciante ordenara a construção de um navio (*Massachusetts*) a ser utilizado no *China trade*, embarcação lançada ao mar, em Setembro de 1789, perante o olhar colectivo do público de Boston [cf. Josiah Quincy (1968b: 117-118)].

bordo do *Massachusetts*, fazendo escala na Batávia. Em Cantão, o diplomata vende o navio a agentes portugueses e investe num carregamento destinado à Europa, via Bombaim, para onde ele próprio se dirige, em 12 de Janeiro de 1791, na companhia do seu irmão, Nathaniel Shaw, de vinte e nove anos de idade, que viria a morrer no mar (10-02-1791). O diplomata regressa a ‘casa’ no ano seguinte, casando, aos trinta e oito anos, com Hannah Phillips, de Boston (21-08-1792), antes de se lançar, a partir de Nova Iorque, numa quarta viagem, via Bombaim, que teria início, em Fevereiro de 1793, e da qual não existem registos. O viajante chega a Cantão, em 2 de Novembro, acompanhado de um outro irmão (mais novo), Benjamin Shaw,⁸ sofrendo da doença do fígado que contraíra na Índia, não, podendo sair de casa até ao seu regresso a Boston, em 17 de Março de 1794, vindo a morrer durante a viagem.

Sendo nosso objectivo estudar a percepção e representação de Macau, bem como da presença portuguesa no Extremo Oriente nos diários de Samuel Shaw, o primeiro registo norte-americano sobre o enclave, iremos analisar os relatos pessoais das primeiras viagens do sobrecarga-diplomata, acompanhando o acumular dos seus conhecimentos sobre a China meridional.⁹

No testemunho íntimo da primeira viagem, o viajante contextualiza o início do comércio norte-americano com a China, referindo, desde logo, a razão da sua viagem: “Soon after the close of the war between Great Britain and America, several merchants in New York and Philadelphia being desirous of opening a commerce with Canton, in China, a ship was purchased and loaded principally with ginseng, in order to exchange it for teas and the manufactures of that country.” (SS: 133).¹⁰

⁸ O nepotismo é, desde cedo, uma realidade no comércio com a China, vindo Robert Gould Shaw, sobrinho de Samuel, a tornar-se um dos pioneiros do *China trade*, casando com Susan Parkman, por sua vez cunhada de Nathaniel Russell Sturgis (cf. Jacques M. Downes: 368).

⁹ Sobre o início do *China trade* e a presença norte-americana em Macau, vejam-se: Foster Rhea Dulles (1930); Carl Crow (1941: 16-31); Jacques M. Downes (1997, *passim*); Philip Smith (1984, *passim*). Rogério Miguel Puga (2002: 615-618) e *idem*, s.v. «Macau, American Presence and Influence in (1784-1844)», no prelo.

¹⁰ A *Empress of China*, comandada por John Green, transporta cerca de 30 toneladas de ginseng; chumbo; prata; peles de animais; algodão e barris de pimenta. A tripulação adquire, em Cantão, chá; algodão chinês; ouro; porcelana; seda e especiarias, originando um lucro de \$30, 000.

As paisagens visíveis do *Empress of China*, à medida que a embarcação avança, vão-se tornando cada vez mais exóticas, contactando a tripulação com portugueses e franceses envolvidos no tráfico de escravos em Cabo Verde (SS: 136-139), onde Thomas Randall e Shaw se deslocam ao forte dos portugueses contactando outros lusitanos que demonstram a sua surpresa perante a chegada de norte-americanos. (SS: 138). A mulher do oficial responsável pelo porto é descrita como um ser exótico, remetendo o relato para a miscigenação entre os colonos portugueses e a população local, enquanto o autor recorre à comparação por dissemelhança para descrever a nativa, excerto significativo no que diz respeito à representação do género:¹¹

In his apartment was a woman, who we suppose might be his wife. She was by no means handsome; – her complexion, whatever it might have been, was exceedingly sallow; added to this, her hair was cut all round, as close as possible, and, instead of a cap, or garland, her head was bound with a fold of white cloth, about four inches in width; a calico petticoat, and a piece of calico thrown over her shoulders by way of mantle, composed her dress. Her whole appearance was entirely different from that of the fair of our own country, and I believe she did not excite in any of us and idea that would militate the tenth commandment, though she did not seem to be past five-and-twenty (SS: 138).

O escravagismo é também um dos temas abordados na narrativa íntima, aspecto relevante devido à formação social e cultural dos E.U.A., prática condenada pelo autor que tece um longo comentário à (cruel) natureza humana (SS: 139).

Em 23 de Agosto, o navio atraca na Rada de Macau, ‘saudando’ a cidade. Na manhã seguinte, o cônsul francês – recordem-se a amizade e as estreitas relações destas duas nações – visita a tripulação acompanhado por outras individualidades do enclave, ao som da habitual salva de nove tiros de canhão. A convite da ‘comitiva’ de Macau, Shaw visita o território, não sem antes tentar apresentar-se ao governador português, ausente. O sobrecarga janta na casa do cônsul francês na companhia de outros sobrecargas e pernoita nos aposentos do cônsul sueco, antes de regressar ao *Empress of China* e de entregar, aos europeus, cópias do Tratado entre os E.U.A. e as potências europeias suas ‘amigas’, um simbólico acto de

¹¹ Para uma definição de género, veja-se *idem* (2003: 178-182).

relações públicas diplomáticas e que concorre para a afirmação externa da jovem república.

Face ao desconhecimento sobre o estabelecimento português e perante a sua tentativa prévia de investigação sobre o mesmo, Samuel recorre, várias vezes, à narrativa da viagem que descreve a estada do comodoro *Lord George Anson*¹² no Sul da China, a bordo do *Centurion*, transcrevendo, da mesma, um excerto para descrever Macau e referir a sua riqueza antes do fim do comércio da nau do trato com o Japão (1639):

The city of Macao,” says the writer of Anson’s Voyage, “is a Portuguese settlement, situated in an island at the entrance of the river of Canton. It was formerly very rich and populous, and capable of defending itself against the power of the adjacent Chinese governors; but at present it is much fallen from its ancient splendor; for, though it is inhabited by Portuguese, and hath a governor nominated by the king of Portugal, yet it subsists merely by the sufferance of the Chinese, who can starve the place and dispossess the Portuguese whenever they please. This obliges the governor of Macao to behave with great circumspection, and carefully to avoid every circumstance that may give offence to the Chinese (SS: 163).¹³

Sendo esta narrativa utilizada, pelos norte-americanos, como fonte de informações sobre a Cidade do Santo Nome de Deus, os argumentos aí avançados são de extrema importância para entendermos os ‘horizontes de expectativa’ da tripulação do *Empress of China*:

(1) Macau já foi uma cidade rica, populosa e capaz de se defender das exigências do mandarinato;

(2) os portugueses subsistem no território apenas porque os chineses assim o entendem;

¹² Anson chega, pela primeira vez, ao enclave, em 12 de Novembro de 1742, comandando o primeiro barco de guerra da Marinha Real, o *H.M. Centurion*, a visitar a China, e que partira de Southampton, em 18 de Setembro de 1740, no âmbito da *War of Jenkin’s Year* contra a Espanha, para desequilibrar os interesses espanhóis, na América do Sul. Em 19 de Abril de 1743, Anson abandona Macau, para regressar, em Julho, trazendo o galeão espanhol *Nuestra Señora de Cobadonga*, que tomara nas Filipinas, em 30 de Junho, carregado de mercadoria. Vejam-se a edição original Richard Walter (1748 e 1928) e Rogério Miguel Puga, s. v. «Anson, *Lord George*», no prelo.

¹³ Durante a sua segunda viagem à China, o diarista volta a recorrer à viagens de Anson como fonte de informação sobre Macau (SS: 237), como veremos adiante.

(3) a ‘política’ portuguesa tenta agradar às autoridades sínicas.

Um dos membros da tripulação do *Centurion* descreve a chegada à Taipa, bem como o poder (cada vez mais nominal) dos portugueses em Macau, representação da qual o excerto de Shaw se aproxima:

Macao is a large handsome town situated at the entrance of the great River Canton on a narrow point of land, and has several large forts which command the town and all the adjacent country. It belongs to the Portuguese, and is the only settlement any Europeans have on the whole coast of China, but the Chinese have lately so crept into the town and introduced their own laws and government that the power of the Portuguese is now become little more than a name. Mr. Anson on his arrival here sent one of his officers to wait on the Portuguese Governor, who soon returned the compliment, and after the little points of ceremony were settled they mutually saluted each other.¹⁴

Macau funciona como porto familiar e seguro durante as longas viagens de embarcações europeias, afirmando Boyle Somerville, em relação à viagem de Anson: “[...] at last, after more than two years of an incessant sea-journey, or of camping on uninhabited islands, [...] we find the small but still indomitable remnant of Anson’s Expedition in friendly waters once more, and amid the amenities of civilised life. And here at last were letters from home [...]”.¹⁵ O autor refere ainda que, de forma a entender os episódios durante a estadia do *Centurion* no Império do Meio, é necessário descrever previamente a posição geográfica e a administração conjunta de Macau,¹⁶ enfatizando assim a importância quer do enclave quer do auxílio dos portugueses na China meridional a barcos ocidentais que necessitem de se reabastecer e de ser reparados, como é o caso do *Centurion*. De acordo com Austin Coates, o relato da viagem do comodoro Anson, supostamente redigido por Richard Walter,¹⁷ capelão do *H.M.*

¹⁴ «To Captain Matthew Mitchell, Commander of His Majesty’s Ship the Gloucester», in Glyndwr Williams (ed.) (1967:136). A saudação referida no fim do excerto refere-se aos tiros de canhão que soam quer do *Centurion* quer de um dos fortes de Macau, à chegada do barco.

¹⁵ Boyle Somerville (1934: 194).

¹⁶ *Idem, ibidem*: 195.

¹⁷ De acordo com Christopher Loyd (1973:10), a obra não é escrita por Richard Walter, mas sim por Benjamin Robins, panfletista profissional, supervisionado pelo próprio Anson.

Centurion, e publicado em 1748, revela a atitude inglesa de superioridade em relação à China, 18 um país considerado retrógrado e intolerante,¹⁹ enquanto a administração mandarínica reforça a vigilância de Macau para evitar a entrada de mais barcos ‘bárbaros’ no Império do Meio, ordenando que “[...] o sub-prefeito de Zhaoqink deverá ser transferido para a fortaleza da Casa Branca, de onde poderá controlar os navios estrangeiros desde a sua chegada a Macau [...]”, porta de entrada para estrangeiros na China.²⁰

Como o prova a utilização da narrativa por Shaw, a circum-navegação de Anson é das mais famosas, a par das de Sir Francis Drake e do capitão Cook, devido ao espólio capturado durante a mesma quer à publicação do relato atribuído a Richard Walter, levando a um maior controle de Macau pelos chineses, bem como dos recém-chegados europeus.

No que diz respeito às consequências da viagem do *Centurion* pelo globo e pelos mares da China meridional, e de entre os muitos exemplos de obras que reflectem e aplaudem o resultado da expedição, John Campbell publica a obra *Navigantium atque Itinerantium Bibliotheca: or, a Compleat Collection of Voyages and Travels* (1744-1748), na qual glorifica as façanhas marítimas inglesas e descreve o interesse crescente das nações europeias no comércio, sobretudo, com a China:

[...] as appears by the great number of European ships that Rear-Admiral Anson met with in the ports of Macao and Canton; which is a circumstance that deserves to be attentively considered. This therefore is a time, if ever there was a tie, that we ought to exert ourselves, and endeavour to strike out some new branch of commerce, into which our neighbours cannot so readily fall. History affords us no instance of a maritime power that remained long at a stay. If we do not go forward, we must necessarily go backwards; and, as we rivalled in almost every known branch of commerce, except that to our own plantations, it is not our interest only, but absolutely necessary to our safety, to support and extend these; and if it be possible, open some new channel, both for the benefit

¹⁸ Richard Walter (1748: 506).

¹⁹ Cf. Austin Coates (1989: 54). Philip Sumarez (1973: 203), primeiro tenente de Anson, afirma, em 1742, que o governador de Macau não detém quaisquer poderes para resolver o embaraçoso problema da presença do *Centurion* no delta do rio da Pérola, não sendo mais que um títere do vice-rei de Cantão.

²⁰ *Qing Gaozong Shilu* (27-12-1743) in Alain Peyrefitte (1991: lxxxvi).

of this country, and of our plantations; which can never be done, if we do not encourage long voyages, and the perfecting ourselves in every kind of navigation.²¹

Campbell serve-se ainda das “[...] muitas inconveniências [...]”²² enfrentadas pelo comodoro Anson, em Macau, das dificuldades da circum-navegação e das relações com as autoridades chinesas para provar a todo o mundo a capacidade naval dos ingleses que futuramente seguirão o exemplo do comodoro pelos mares, honrando a Inglaterra, exemplo igualmente seguido por Shaw que utiliza a narrativa desta mesma viagem para se familiarizar com o Sul da China, adicionando-lhe a pouca informação, fruto da sua observação e experiência iniciais, sobre o enclave e sobre o comércio ocidental, em Cantão, motivo que o traz à China:

The situation of Macao is very pleasant, and the gentlemen belonging to the European nations trading at Canton are well accommodated there. As soon as their ships leave Canton, and the factors have settled their accounts with the Chinese, they return to Macao, where they must reside till the ships of the next season arrive. The Dutch, Danes, and English had gone to Canton a few days before our arrival (SS: 163).

Macau é um local estratégico para qualquer ocidental que deseje envolver-se no *China trade*, sobretudo, no início e, posteriormente, entre as épocas comerciais, advindo dessa mesma posição o seu carácter cosmopolita, pois os sobrecargas e mercadores descem de Cantão, no Verão, e aí permanecem em relativo descanso. No entanto, a tripulação norte-americana não se demora no estabelecimento e dirige-se, em 28 de Agosto, para Cantão, via Vampú,²³ com o auxílio dos mercadores franceses, dinamarqueses e holandeses, enviando a *East India Company (E.I.C.)* um representante para dar as boas-vindas à bandeira norte-americana “[...] to this part of the world [...]” (SS: 164). A guerra da independência norte-americana torna-se um tema de conversa recorrente entre os diplomatas e mercadores recém-chegados e as diversas comunidades de Macau, referin-

²¹ John Campbell (ed.) (1744, vol. 1: 364-365).

²² Expressão de *idem, ibidem* (365); tradução nossa.

²³ Em inglês, Whampoa. Ancoradouro de medição situado a cerca de 12 quilómetros antes de Cantão, no Rio da Pérola, após a segunda barra, e no qual os barcos estrangeiros ancoram para serem medidos antes de entrar no empório comercial, aí permanecendo os que não podem seguir até Cantão. Também é designado de Anpu e até Hoang pú [topónimo cantonense (*Uóng-Pou*) que dá origem ao termo português]. Veja-se *British Library-Oriental and India office Collection* (doravante *B.L. – O.I.O.C.*), R/10/12, *Consultations*, 1782, fl. 4.

do os sobrecargas ingleses, estabelecidos de forma regular no eixo Cantão-Macau, desde 1700, a chegada do primeiro barco norte-americano ao Sul da China, na documentação que remetem para Londres.²⁴

Entre 30 de Agosto e 6 de Setembro, Shaw permanece no empório, sendo apoiado pelos franceses (SS: 165-167). O quotidiano é preenchido por visitas protocolares com europeus e contactos com membros do Comité Selecto da *E.I.C.*, queixando-se o diarista do pouco acesso que as autoridades chinesas permitem que os estrangeiros, enclausurados nas feitorias, tenham ao Império do Meio, factor de vital importância para a jovem nação que se deseja estabelecer na China e que não pode depender apenas dos relatos algo fantasiosos dos missionários (SS: 168), concluindo acerca da China: “All we know with certainty respecting the empire of China is, that it has long existed a striking evidence of the wisdom of its government, and still continues the admiration of the world [...]” (SS: 168). Ou seja, tal como nos textos quinhentistas portugueses, a imagem do governo e da administração sínicos continua a ser positiva, embora, mais tarde, Shaw acabe por mudar de opinião (SS: 184). À falta de informação, em primeira mão, sobre o país, Shaw elabora uma útil descrição do comércio que aí os europeus levam a cabo, tarefa que, sendo fruto da observação do autor ao longo de quatro meses, decerto facilitará a contextualização e a familiarização de futuros viajantes norte-americanos.

O relato começa por fornecer um panorama das relações e dos estatutos comerciais das diferentes nações europeias em Cantão, afirmando que os portugueses, embora possuam Macau, não detêm, como o fazem os outros países, um estabelecimento público onde levam a cabo o comércio, fazendo-o através de agentes enviados da Europa que regressam nos barcos, poupando assim o dinheiro que as outras nações gastam, pois os negócios de Portugal são levados maioritariamente a cabo no enclave (SS: 168).²⁶

²⁴ Cf. *B.L. – O.I.O.C., G/12/79, Consultation Book 1784*, fl. 116.

²⁵ Consulte-se Galilote Pereira (1989: 16): “E desta maneira anda tudo tanto a direito que se pode com verdade dizer que é a terra melhor regida que se pode haver em todo o mundo.”

²⁶ Veja-se a longa descrição do comércio inglês em Cantão e do *modus operandi* e da corrupção dos oficiais e sobrecargas da *East India Company* nas páginas 168-170 e 172 do diário.

O aumento do consumo de chá na Europa, nomeadamente em Inglaterra, é um dos outros temas (económicos) de conversa com os ingleses que não podem permanecer em Cantão durante todo o ano: “After their ships are gone, and they have settled their accounts with the Chinese, they repair to Macao, where each nation has its separate establishment. There they continue till the arrival of their ships the next season, when they return to Canton.” (SS: 173). Nas páginas 173-177, o diarista descreve os protocolos e as medidas a tomar durante a viagem entre Macau e Cantão, via Vampú, e explica as funções de figuras como o fiador, o comprador²⁷ e o linguista e de instituições nativas como o honrado “co-hoang”,²⁸ presenças também recorrentes nos relatos de viagem ingleses. Durante uma das etapas da viagem Macau-Cantão, o autor refere os breves contactos que tem com o hopu,²⁹ em Vampú, exigindo este, da tripulação americana, um presente, desagradando-lhe o facto de esta não transportar nenhum: “However, when we told him that we were from a new country, for the first time, and did not know that it was customary to bring such things, he appeared satisfied, but did not forget to enjoin it upon us to bring some when we should come again.” (SS: 177). Os chineses demoram algum tempo a distinguir a tripulação dos ingleses, acabando por designar os norte-americanos de “*New People*” (SS: 183, 338). Sobre as relações comerciais dos E.U.A. com a China, Shaw refere quer a procura do chá por parte do consumidor norte-americano e a maior facilidade com que a nação o pode adquirir devido ao *ginseng* e às peles de lontra, procurados pelos chineses e abundantes no continente americano, quer a rivalidade entre ingleses e norte-americanos na China, pois os primeiros não convidam os recém-chegados (da sua velha colónia) para os jantares com que os europeus se divertem em Macau, nomeadamente os portugueses:

²⁷ Termo de origem portuguesa que designa o empregado chinês responsável pela casa, feitoria e pelos barcos dos comerciantes estrangeiros, tendo também a função de superintender os empregados chineses (cules) nestes mesmos locais e de servir de intérprete ou mediador também cultural entre ocidentais e chineses. Sobre a figura do comprador, veja-se também SS (184-185).

²⁸ Corporação comercial dos mercadores *hong* de Cantão, regulamentada pelo governo imperial.

²⁹ Superintendente da alfândega marítima chinesa que supervisiona o comércio com os ocidentais e cobra os direitos de tonelagem no porto de Macau. O termo designa também a própria alfândega chinesa em si.

A circumstance that occurred at the entertainment given us by the Portuguese ought not to be omitted. The dessert, which was very elegant, was prepared in a room adjoining that in which we dined, and the tables were ornamented with representations, in paper painted and gilt, of castles, pagodas, and other Chinese edifices, in each of which were confined small birds. The first toast was *Liberty!* And in an instant, the doors of the paper prisons being set open, the little captives were released, and, flying about us in every direction, seemed to enjoy the blessing which had just been conferred upon them. (SS: 234, nota de rodapé).

O diplomata, ao chegar a Cantão, descreve o *modus vivendi* do *ghetto* estrangeiro, que se diverte, fora das feitorias, em jantares oferecidos por mercadores chineses, bem como em passeios nos exóticos jardins de Cho-wqua, referindo o texto um dos princípios da geomancia chinesa, ou seja do *feng-shui*: “Forests, artificial rocks, mountains, and cascades, are judiciously executed, and have a pleasing effect in diversifying the scene. The Chinese, however, discover a vitiated taste in their fondness for water. Every garden must have abundance of this element, and where it does not flow naturally, large, stagnant ponds, in the middle of which are summer-houses, supply the deficiency.” (SS: 179). A “estética do diverso”³⁰ é assim apreendida como *design* imposto à natureza, na qual a marca das crenças chinesas se encontra impregnada, como o demonstra a preocupação que os nativos têm em procurar o local ideal para a sua sepultura, demanda relacionada com a geomancia chinesa subjacente à construção de qualquer edifício,³¹ acabando a vivência e os hábitos quotidianos nativos por se exprimir na paisagem humanizada:

It must be airy, shaded by trees, watered by a running stream, and situated on an eminence commanding an extensive land and water prospect. So great is their attention to these circumstances, that a Chinese, on meeting with any extraordinary misfortune, is sometimes led to suppose that it is because his father's bones do not rest comfortably. (SS: 197-198)

³⁰ Expressão de Victor Segalen (1999: 41).

³¹ Austin Coates (1990: 156-170, respectivamente) descreve a relação entre a localização dos cemitérios chineses nas colinas e nos montes e o *fêng shui*: “Graves stretched far up the hill, and in all directions. [...] The hillside, enjoying much the same view as the monastery, had almost perfect fêng shui [...]. The *fêng shui* of graves is an altogether simpler subject. With an understanding of the general principles of Chinese geomancy, one simply has to stand at the grave site, orientate one's body correctly, and one can see at a glance whether or not the place has good *fêng shui*.” Veja-se também Edward L. Shanhnessy (ed.) (2000: 120-135).

São também descritos as cerimónias festivas locais; a prática da poligamia; os rituais que caracterizam o culto (chin-chin) das divindades chinesas (SS: 195-197) e os “bonzes” ou padres, podendo a ‘moldura’ cultural que a narrativa apresenta ser lida nas entrelinhas, pois o autor compara, por dissemelhança, as práticas religiosas nativas às suas: “The Chinese observe no Sabbath, but work every day in the week. They make feasts and perform certain ceremonies on full moons and other occurences, particularly the winter solstice.” (SS: 197).

O sobrecarga testemunha e descreve o conflito do *country ship*³² de Bombaim, *Lady Hughes*³³ (SS: 186-194), um dos mais conhecidos incidentes da presença inglesa na costa do Sul da China.³⁴ Em 24 de Novembro de 1784, o barco encontra-se em Vampú quando, durante a habitual salva, à chegada, atinge acidentalmente uma pequena embarcação, ferindo três chineses, dois dos quais vêm a falecer. O governador de Guangdong e o secretário do hopu pedem, várias vezes, ao presidente do Comité Selecto da E.I.C., W.H. Pigou, que entregue o tripulante que disparara o tiro, pois, de acordo com a lei chinesa, “[...] blood must answer for blood [...]” (SS: 186). Pigou responde que não tem qualquer jurisdição sobre *country traders*,³⁵ bem como que o inglês desaparecera em Macau, e as autoridades imperiais exigem a entrega de um qualquer inglês, aconselhando Pigou o governador chinês a contactar George Smith, responsável pelo *Lady Hughes*, que acaba por ser preso, enquanto o comércio é suspenso, as feitorias estrangeiras cercadas, a saída para o mar bloqueada e as casas

³² Barco de mercadores independentes que leva a cabo comércio (privado) entre a Índia e a China.

³³ Para uma descrição do episódio, veja-se a “Narrative of the affair of the gunner”, *B.L. – O.I.O.C.*, R/10/14, *Consultations*, 1784-1785, fls. 90-107; R/10/15, *Consultations*, 1786-1787, fl. 38; G/12/ 18, *Consultations*, 1753-1787, fls. 25-42, também copiado em G/12/20, *Consultations*, 1755-1822, fols. 413-428; G/12/79, *Consultation Book*, 1784-1785, fls. 102-103, 133-137, 169-172.

³⁴ O conde de Lapérouse (Jean-François de Galaup, 1741-1788?), ao visitar Macau, durante a sua expedição científica e comercial, em Janeiro de 1787, refere este famoso incidente, sem o identificar, referindo-o como um dos exemplos das dificuldades que os comerciantes estrangeiros sentem face às dificuldades impostas pela administração chinesa [Comte de Lapérouse (1970: 201-202)].

³⁵ Mercadores envolvidos no comércio privado, com autorização da E.I.C., levado a cabo entre o Sul da China e a Índia nos countrymen e que transporta, nos séculos XVIII-XIX, sobretudo ópio, cujos lucros da venda são essenciais para a aquisição de chá pela Companhia, em Cantão.

estrangeiras privadas de alimentos. O cônsul francês aconselha Shaw sobre as medidas a tomar, face ao incidente, e este último, considerando os “[...] rights of humanity deeply interested in the present business [...]” (SS: 189), envia o seu barco para Cantão, embora os chineses tentem afastar os mercadores das nações ocidentais dos ingleses para, desta forma, ter um maior controlo da situação. Este episódio é descrito a partir de 27 de Novembro e toda a comunidade estrangeira em Cantão apoia os ingleses, comunicando ao governador português que as mortes haviam sido acidentais, até que, face à inflexibilidade dos chineses, Pigou pede ao mestre do barco que lhes entregue um homem. Perante o desaparecimento do ‘culpado’, o tripulante mais idoso é levado ao mandarinato, terminando, assim, as represálias,³⁶ no início de Dezembro,³⁷ partindo o *Lady Hughes*, para Bombaim, no dia sete desse mês, 38 enquanto os ingleses se apercebem, mais uma vez, da sua situação vulnerável no Sul da China, onde os seus familiares têm que permanecer isolados em Macau, único local onde as mulheres estrangeiras são autorizadas a permanecer.³⁹

Durante a reunião dos comerciantes com o hopu, após o conflito, o autor pede ao cônsul francês que o apresente como “American” e o distinga dos ingleses, concluindo, em unísono com um chinês, ao afirmar que, com o caso do *Lady Hughes*, “[...] all Fanquois have much lose his face in this business” (SS: 195). O diarista, ao transcrever *ipsis verbis* a fala do habitante do Império do Meio, recorre ao termo pejorativo “Fanquois”, utilizado pelos mesmos quando se referem aos ocidentais,⁴⁰ imitando também as características (a)gramaticais, nomeadamente a ausência da

³⁶ Cf. Hosea Ballou Morse (1926, vol. 2: 99-109) e John Keay (1993: 437). Os sobrecargas ingleses temem pela sua segurança e vida, caso ocorra outra morte acidental no futuro, prova da situação vulnerável dos ingleses no Sul da China, e que os fará procurar, cada vez mais, um espaço ‘seu’, semelhante à Macau portuguesa.

³⁷ SS: 194: “The first of December, peace and commerce being restored, the English chief came and thanked us for the assistance we had given them, as did also Mr. Smith, who was released the evening before.”

³⁸ Para uma descrição do episódio, veja-se Earl H. Pritchard (2000: 225-230).

³⁹ Sobre a presença e as exigências durante o desembarque de mulheres estrangeiras na China, vejam-se E. J. Eitel (1895: 19) e Earl H. Pritchard (1929: 173). Eitel identifica erroneamente a primeira mulher inglesa a entrar em Macau como “mrs. McClannon” quando, na verdade, as pioneiras são a mulher e a empregada do carpinteiro Richard Frobisher, em 1620, após o naufrágio do barco inglês *Unicorn*.

⁴⁰ *Fancui*: termo chinês que significa “diabos estrangeiros” (portugueses e ingleses). Vejam-se William C. Hunter (1970) e C. Toogood Downing (1972, vol. 1).

concordância em número, do *Chinese Pidgin English* (C.P.E.), utilizado por chineses e ingleses para dialogarem. O conceito chinês de ‘perder a face’,⁴¹ referido no excerto, remete para a preocupação confuciana de defender a honra e o prestígio social, demonstrando a dimensão etnográfica do texto no que diz respeito à cultura chinesa gradualmente apr(e)endida pelo primeiro norte-americano a visitar Macau, e que relaciona a moral, as crenças subjacentes às relações interpessoais, o crédito social e o *modus vivendi* chineses.⁴² Quanto aos dois conceitos de face – *mien-tzu* e *lien* – o primeiro traduz a reputação que se consegue através do esforço pessoal e do sucesso, e o segundo, o respeito conquistado pela boa reputação moral e honra na comunidade, por sua vez, também assim enriquecida.⁴³ De acordo com os chineses, estes dois conceitos de face (a salvar) encontram-se em cheque durante o conflito do *Lady Hughes*, saindo a imagem e posição dos ingleses danificada.

Após a descrição da administração imperial, o sobrecarga detém-se na religião tradicional chinesa – apresentada como “[...] idolatry and superstition [...]” (SS: 195) –, utilizando um termo adaptado da língua portuguesa e incorporado pelo C.P.E., o vocábulo “joss-houses” (SS: 195-196), que significa templos, e deriva de “joss” (ídolo), corruptela do termo português Deus,⁴⁴ e é também transcrito em falas de chineses, nesta última língua de contacto (comercial): “Joss loves me [...] because I make him much chin-chin [...]” (SS: 198), enunciado que se pode traduzir como ‘a divindade ama-me, pois eu presto-lhe culto frequentemente.’ Os diferentes falares e línguas colocam em evidência as estruturas sócio-culturais em que os falantes orientais e ocidentais mantêm relações de amizade e de negócio.

O mandarinato proíbe os estrangeiros de aprender cantonense, comunicando estes com os seus empregados e pares comerciais através do

⁴¹ Vide SS: 195 (“lose his face”); 197 (“lost his face”).

⁴² Para Mayfair Mai-hui Yang (1995: 140), a noção cultural chinesa de face, fortemente elaborada, é um mecanismo importante através do qual operam a obrigação e a reciprocidade, levando a perda de face ao ostracismo social e à destruição do ‘ego’. Vejam-se também Arthur H. Smith (s./d.: 16-18; Lloyd E. Eastman (37-38) e Boye Lafayette De Mente (245-247).

⁴³ Cf. Hsien Chin Hu (01-03-1944: 54).

⁴⁴ Henry Yule e A. C. Burnell (1996: 463-464). Vejam-se também Samuel Wells Williams (1874: 278-279); O. M. Green (07-12-1934: 333) e Rogério Miguel Puga (2004: 105).

broken ou *business English*. Janet Holmes⁴⁵ enumera três características dos *pidgins* em geral, e que, com exceção da última, se observam nas falas de chineses transcritas no texto, a saber: a sua utilização e função restritas a uma localização ou situação (comercial); a estrutura simplificada comparativamente à(s) língua(s) fonte(s) e o seu baixo prestígio que acarreta, por vezes, atitudes negativas para uma das partes falantes, a chinesa. O *C.P.E.* surge por volta de 1715, e a sua história divide-se em quatro períodos principais,⁴⁶ situando-se o momento da escrita do diário de que nos ocupamos no chamado período clássico (1748-1842).⁴⁷ George Lang lista as *dramatis personae* da génese do *C.P.E.*, todas elas referidas ao longo do diário: “Chinese: Hong merchants, interpreters, compradores (or suppliers), subalterns; English: supercargoes or trade agents, ship crews [...]”,⁴⁸ funcionando o *pidgin* como símbolo do intercâmbio e da partilha multicultural fruto do *China trade*. O diarista transcreve as falas de nativos não *ipsis verbis*, mas com algumas modificações, pois a marca mais famosa do *C.P.E.*, a substituição do ‘r’ pelo ‘l’, não se observa nos enunciados, como podemos verificar através do seguinte excerto: “You are not Englishman? [...] But you speak English word, and when you first come, I can tell no difference; but now I understand very well. When I speak Englishman his price, he say, ‘So much, take it,- let alone.’ [...] Truly, massa Typan,⁴⁹ I see very well you no hap Englishman. All China-man very much love your country.” (SS: 199). A fala do mercador chinês é relevante, pois veicula quer a aproximação cultural e linguística que os chineses observam, inicialmente, entre norte-americanos e ingleses, e que faz com que estes últimos sejam confundidos, quer a posterior distinção entre ambos e a preferência para com os americanos, que o chinês afirma, em *C.P.E.*, poder desaparecer em breve, pois todos os ocidentais chegam à China com boas intenções, para depois se tornarem hostis, como os ingleses.⁵⁰

⁴⁵ Janet Holmes (2001: 85). Consultem-se ainda Jean Aitchison (1993: 181-190) e Alastair Penny Cook (1999: 73-106).

⁴⁶ Robert A. Hall (1944: 95): [Períodos: 1-origem em Cantão e Macau (c. 1715-1748); 2-período clássico, sobretudo em Cantão (1748-1842); 3-período de expansão e de maior utilização no Sul da China (1842-c. 1890); 4-período de declínio (1890-até à actualidade)].

⁴⁷ Veja-se ainda Rogério Miguel Puga, s. v. «Chinese Pidgin English», no prelo.

⁴⁸ George Lang (2000: 21-25).

⁴⁹ Termo que significa mestre dos sobrecargas.

⁵⁰ Veja-se Dennett (1922: 88-89) e Dulles (1946: 5).

As relações comerciais e políticas dos norte-americanos com os chineses e restantes ocidentais tornam-se, obviamente, uma temática recorrente no texto que descreve a personalidade e estratégias dos comerciantes chineses, informação útil para futuros comerciantes contemporâneos do autor que deixa a China, em Dezembro de 1784, pondo, assim, termo à sua primeira estada no Império do Meio, na sequência da qual envia desde Nova Iorque (19-05-1785), uma carta ao secretário do *Department of Foreign Affairs*, descrevendo a viagem da “[...] first vessel from America that had ever visited China [...]” (SS: 217 e apêndice A: 337-341), na qual refere a chegada à “island of Macao” (SS: 338).

O texto relativo à segunda viagem resume a actividade e as diligências de Shaw, nos E.U.A., após o seu regresso, “[...] pursuing the China business [...]” (SS: 218), sendo este nomeado cônsul em Cantão, pelo Congresso, como já afirmámos. A segunda expedição, ao longo da qual é, desde logo, preparada uma terceira (*vide* SS: 252-253), parte de Nova Iorque, em Fevereiro de 1786, chegando a tripulação à roda de Macau, em 10 de Agosto, onde arranja piloto chinês para subir até Vampú e Cantão.

O diplomata remete o leitor para o seu diário anterior, pois nada há de novo a acrescentar face à imutabilidade que caracteriza a China, ocupando-se este texto do trato comercial norte-americano e das nações europeias, entre as quais Portugal, cujos negócios, através de Macau, se encontram relativamente estagnados:

The Portuguese retain scarcely the shadow of their former consequence. A few ships, owned by individuals at Macao and their remaining settlements in India, are kept in the country trade, which is managed by them in much the same manner as by the English. Their European trade, as has been observed, is also conducted by private persons; and so little do they now derive from their possessions in India, that they are obliged in a great measure to depend on a credit from the Chinese for their homeward cargoes. Scarcely one of their ships brings from Europe sufficient funds; and were it not for this credit, and the aid they receive from such European company-servants in India as are desirous of sending home their property, not subject to the scrutiny of their masters, the commerce of this nation with China would undoubtedly fail. Since the year 1783, some small vessels have been fitted out by private persons in India and at Macao, for the fur-trade with Kamtschatka and the northwest coast of America. Their success has answered the expectation of the ad-

venturers, and not a little reduced the price of furs brought here from Europe (SS: 230-231).

Esta informação é repetida em missivas enviadas a políticos norte-americanos (SS: 345), em 1787, referindo o comércio de peles provenientes da América do Norte e os negócios de mercadores independentes de Macau e da Índia, na segunda metade do século XVIII.⁵¹

A comunidade estrangeira não tem qualquer tipo de relação com os portugueses, excepto com as famílias do governador, de “Matheus Johannes” e da “Senhora de Souza” (SS: 245), participando, por vezes, os militares e alguns membros da edilidade local nos concertos e saraus das duas comunidades de língua inglesa. O contacto com o governador, Bernardo Aleixo de Lemos e Faria, e a sua mulher, D. Maria de Saldanha, deve-se ao hábito de, durante a estada dos sobrecargas no enclave, as diferentes nações lhes oferecerem um jantar, que estes nunca retribuem. Shaw descreve “D. Maria” como “[...] a European Portuguese, sensible, artful, and, when she pleases, very agreeable” (SS, 246), enquanto este é apresentado como um homem com menos de quarenta anos, nativo de Goa, e menos culto que a mulher, como o prova o facto de ter perguntado a um sobrecarga inglês se a guerra entre a Inglaterra e os E.U.A. já havia terminado, revelando, assim, o grau da sua ignorância, tal como um membro do Senado, concluindo o diarista: “When such are the rulers, what must the bulk of the people be? The united voice of the European residents proclaims them idle to a proverb, consequently poor, and superstitious in the extreme” (SS: 246). O diplomata informa o leitor que existem poucos portugueses entre os habitantes de Macau, pois estes últimos são fruto da miscigenação entre portugueses, chineses e indianos, não tendo três em cada cem residentes viajado para além do Cabo da Boa Esperança. A língua que se ouve nas ruas, embora se chame português, “[...] is such a medley of this with the Malay and Chinese, as to be unintelligible to a gentleman from Lisbon, on his first arrival, his mother tongue affording him but very little advantage [...]” (SS: 247), referência ao *patois* de Macau, também denominado de *doci papiáçam di Macau*.⁵²

⁵¹ Sobre a história de Macau, na segunda metade do século XVIII, vejam-se António M. Martins do Vale (1996: 241-254); *idem* (1997) e *idem* (2001: 159-227).

⁵² Dialecto, também denominada de língua macaísta, que se desenvolve em Macau e que desaparece no início do século XX, não só mas também devido à acção do sistema educativo do enclave. *Patois* falado sobretudo pelos ‘filhos da terra’ e chineses que mais

A edilidade portuguesa recebe e entretém os estrangeiros com jantares nos quais exhibe exóticas representações chinesas, nomeadamente de templos, que são alvo da admiração dos últimos. Após terminarem as transações comerciais em Cantão, Shaw e Randall descem a Macau, no início de Fevereiro de 1787, e o cônsul planeia visitar Bombaim e a costa do Malabar, num barco que parta do enclave para a Índia. Perante a impossibilidade de poder viajar imediatamente, o diarista permanece em Macau, concluindo, em Julho:

A residence of nearly six months at Macao has afforded me opportunities of gaining more insight into the affairs of the settlement than could otherwise have been obtained. With respect to situation and government, it does not differ essentially from the account given in the preceding pages, taken from Anson's Voyage. The administration is vested in a governor and senate, independent of whom are a syndic, or civil judge, and a vicar-general for ecclesiastical affairs, all of whom are appointed at Goa. On the surrounding heights, and at the extreme points of the shore, are forts and batteries, which in any other hands might be useful. However, there is no want of military parade, as the governor never takes the air without a small guard of sepoys, and the same ceremony is observed by his lady. The establishment consists of one hundred and fifty sepoys, regular troops from Goa, and the inhabitants enrolled as militia, part of whom are clothed like the sepoys, and assist in the duties of the garrison (SS: 237).

De facto, em 28 de Julho de 1784, haviam sido aplicadas, em Macau, as célebres Providências através das quais o ministro das Colónias, Martinho de Melo e Castro, por instigação de ex-governador das Índias, Salema e Saldanha, reforma o poder do governador do enclave, sendo a guarda municipal substituída por uma guarnição de cipaiois, composta por cem mosqueteiros e cinquenta artilheiros,⁵³ número que Shaw avança com exactidão. Como podemos verificar através do excerto que acabámos de transcrever, Macau funciona como local de aprendizagem e de familiarização com a cultura chinesa e como “câmara de descompressão”⁵⁴

interagem com portugueses, sendo utilizados termos do português, do chinês e ainda do inglês. Veja-se a obra poética de José Santos Ferreira (1990); Graciete Nogueira Batalha (1988a e 1988b); Isabel Tomás (1988: 36-48); (1990: 55-65) e João Carlos Oliveira (2000: 406-407).

⁵³ Cf. Beatriz Basto da Silva (1997: 136).

⁵⁴ Patrick Conner (1986: 41).

para os viajantes que aí confluem a fim de residir ou permanecer antes de entrar na China. A estada no enclave possibilita a estes últimos o contacto directo quer com nativos quer com portugueses, cujas famílias aí residem há várias gerações e cuja experiência enriquece o conhecimento dos recém-chegados. O diplomata demora-se na descrição de Macau, pois sabe que os seus conterrâneos apenas têm informação, em segunda mão, através de obras como a já referida *A Voyage Round the World*, texto agora complementado, na segunda viagem, com novos dados, frutos da observação directa e demorada do autor que descreve a população portuguesa, cujos mecanismos de defesa e protecção social são considerados algo ineficazes. O diário refere sumariamente a comunidade sínica do território para afirmar que esta é governada pelo mandarinato, detendo-se sobretudo na administração portuguesa, para referir o salário anual do governador (1 200 taéis), montante insuficiente que é colmatado pelos negócios pessoais do próprio. De facto, o soldo de mil taéis anuais explica o facto de os capitães-gerais não prolongarem o seu mandato para além dos três anos previstos, a menos que tenham interesses pessoais para o fazer. Apesar de as ordens régias proibirem o e envolvimento dos governadores no comércio, muitos deles, como Shaw refere, em relação a Bernardo Aleixo Lemos e Faria, acabam por se envolver nesta prática, tendo sido instaurado um processo, acabando o mesmo por ser condenado pela Relação de Goa.⁵⁵

Sendo o ópio proibido na China, o texto informa que a droga é aí introduzida também por Macau, através de favores e vantagens pagos ao governador português: “[...] the governor is either concerned as a partner in the business, or receives a handsome douceur” (SS: 238). No entanto, os ingleses utilizam também uma embarcação, que mantêm ao largo das ilhas de Macau, para depositar a droga, evitando, assim, ter que recorrer à cidade para o fazer.

Outros temas e episódios chamam a atenção do autor, nomeadamente a questão da posse da ilha da Taipa, pois os portugueses afastam desse território todos os barcos estrangeiros, indo alguns capitães parar ao “tronco” (SS: 239) dos fortes portugueses por aí atracarem sem autorização. O arrendamento de casas serve de exemplo da injustiça dos por-

⁵⁵ Cf. António Vale (2001: 161-162). Na página 207, n. 9, o autor informa que os governadores de Macau auferem anualmente, até 1785, apenas mil taéis, ano a partir do qual passa a ter direito a dois mil taéis anuais.

tugueses e submissão dos restantes ocidentais, pois os primeiros poupam dinheiro, explorando injustamente os residentes ‘estrangeiros’ do enclave através de um engenhoso estratagema:

These are generally in a wretched condition when let to the Europeans. As soon as a house is put in good repair, which is done at the expense of the tenant, the proprietor, although the lease may have been given for a number of years, demands his house again, or else an addition to the rent. Unless one of these conditions is complied with, the owner takes possession the moment the tenant leaves it to go to Canton and the latter is then obliged to look out for another house (SS: 240).

Shaw exemplifica a sua afirmação com o capricho da mulher do governador durante um episódio que envolve os sobrecargas suecos:

The Swedes’ house was the best in Macao, and for repairs and improvements had cost their company upwards of eight thousand dollars. The governor, or rather his lady, took a fancy to it, and the Swedes were under the necessity of consenting to an exchange, which was in every respect unfavourable to them, for the governor’s house is not worth half the money which the mere improvements on the other have cost (SS: 240).

Os residentes estrangeiros são, assim, vítimas do abuso de poder dos portugueses, pois “In matters where an individual European is concerned, they do not use even the ceremony of asking consent [...]” (SS: 240 e 241, respectivamente), sendo também avançados exemplos de casos em que os sobrecargas ingleses vêm as suas casas arrendadas ocupadas na sua ausência ou lhes é pedido para saírem das mesmas, com a justificação que é necessário acomodar um juiz que chega, a Macau, de Goa. Shaw conclui, assim, que as disputas entre portugueses e estrangeiros se devem ao facto de não ser permitido aos últimos deter qualquer propriedade no enclave, não podendo, portanto, adquirir casas ou terrenos para as construir, nem mesmo, caso morram, ser sepultados no interior das muralhas da cidade católica.⁵⁶ De facto, apenas em 1821⁵⁷ é permitido aos ingleses construir um cemitério pro-

⁵⁶ Sobre as exéquias e a proibição de funerais de protestantes, em Macau, até à construção dos dois cemitérios protestantes, vejam-se: J. M. Braga (1940), *passim*; Lindsay Ride (1963); Lindsay Ride e May Ride (1996: 58-63); Padre Manuel Teixeira (1985: *passim*) e Rogério Miguel Puga, s. v. «Protestant Cemetery», no prelo.

⁵⁷ Cf. Lindsay Ride e Mary Ride (58-69).

testante onde passam a poder enterrar os seus mortos,⁵⁸ insurgindo-se, ao longo dos tempos, vários bispos de Macau contra a perniciososa presença de protestantes que corrompem a moral dos cidadãos do enclave.⁵⁹

A religião católica, amplamente materializada através dos muitos conventos e igrejas que adornam os montes e largos, é também referida pelo autor, que afirma:

Were a person to judge of the piety of the Christian inhabitants of Macao from the number of churches, he would undoubtedly estimate it as of the highest order. Besides thirteen of these, there is a convent of Dominican and franciscan friars, and another of nuns, neither of which, however, has many occupants. These, as well as the other public edifices, such as the senate-house,⁶⁰ the court-house, the prison,⁶¹ and the hospitals,⁶² are in a handsome style, and built of stone or brick. The private houses are generally large and commodious, and are either painted white or washed with lime (SS: 242).

As esferas de influência da urbe são apresentadas através de personagens associadas aos poderes religioso (ordens e personalidades religiosas); militar (soldados e segurança pública); político (administrações portuguesa e chinesa) e comercial (casas comerciais e mercadores), caracterizadas através de atitudes, vestuário e hábitos quotidianos durante encontros sociais e situações mais formais. A segurança conferida pela muralha do enclave, bem como a guarda dos seus portos e a simbologia das fortalezas vigilantes exprimem o comunitário, delimitam o espaço administrado pelos portugueses e condicionam o pulsar urbano de Macau, enquanto marcam também a sua defesa e singularidade face ao resto do território chinês.

⁵⁸ Em 1794, Aeneas Anderson visita o enclave, durante a primeira embaixada inglesa à China, criticando os católicos de Macau por forçarem os ingleses, a enterrarem os seus enterrâneos, que falecem na China, fora da cidade, juntamente com chineses, pois “[...] the papists have particular places of internment for those who depart this life in the faith of their church.” [Aeneas Anderson (1795: 392)]. Shaw utiliza esta narrativa como fonte de informação sobre Macau e Cantão.

⁵⁹ *Vide* Padre Manuel Teixeira (1940, vol. 2: 260-262).

⁶⁰ O edifício (actual) do Leal Senado é (re)construído em 1783-1784.

⁶¹ A antiga cadeia ou aljube, conhecido como “Tronco Velho” situava-se no Largo de Santo Agostinho, passando, pouco depois de 1776, para uma casa anexa ao Senado, espaço que passaria a ser a nova cadeia (cf. Manuel Teixeira 1997, vol. 1: 329-334).

⁶² Hospitais de São Rafael e de São Lázaro.

Shaw, que permanece na cidade durante parte da época comercial, descreve as muitas dimensões do quotidiano do território através dos mercados onde os chineses vendem carnes e legumes por eles trazidos da China, do pulsar da cidade, no Verão, e dos espaços públicos e privados, ambos lúdicos: “When the gentlemen of the several nations are all there, the state of society is not bad. Each house has a billiard-table, many individuals keep pleasure-boats, and there is a public concert twice a week. Besides these diversions, there was a faro-bank⁶³ held every Saturday evening, generally at the house of the Danish chief, Mr. Vogelsang [...]” (SS: 242). O facto de os sobrecargas ingleses arrendarem casas na cidade dá também lugar a que as festas, os bailes e os encontros sociais, nos quais nunca se vêem mais de seis mulheres ocidentais, se multipliquem, promovendo a harmonia e a amizade entre os residentes de língua inglesa, tendência que, de acordo com o autor, se inverteria se os sobrecargas permanecessem sempre juntos. Esta afirmação torna-se mais clara após Shaw referir que, ao chegar a Macau, de Cantão, faz a sua “customary visit of ceremony” (SS: 244) aos ingleses, nunca aceitando os sucessivos convites do Comité Selecto da *E.I.C.* para jantar, na sede da Companhia, devido à indiferença que os ingleses demonstram para com os norte-americanos na primeira cidade.

O diarista menciona o grau de (in)formalidade com que se relaciona com os diferentes mercadores europeus, bem como a visita que o conde de La Pérouse lhe faz quando da sua estada, em Macau, durante a viagem de circum-navegação, não fornecendo quaisquer outros dados sobre a estada do nobre francês. De facto, Jean-François de Galaup, conde de Lapérouse (1741-1788?) visita a China após ter sido nomeado chefe de uma expedição, preparada por Luís XVI e pelo marechal de Castries, ministro da Marinha, e que deveria ter durado quatro anos. As tripulações das fragatas *Astrolabe* e *Boussole* chegam à rada de Macau no início de Janeiro de 1787,⁶⁴ vindo o conde, após autorização do governador, a ‘montar’ um observatório no Convento dos Agostinhos, como refere William C. Hunter (1812-1891),⁶⁵ conterrâneo de Shaw que reside, no território, entre 1825 e 1870.

⁶³ Jogo de cartas.

⁶⁴ Vejam-se a narrativa da viagem Jean-François Lapérouse [1970 (1791): 199-207] e Rogério Miguel Puga, s. v. «Lapérouse (La Pérouse), conde de», no prelo.

⁶⁵ William C. Hunter (1855: 154-155).

O enclave, quando o cônsul regressa da sua viagem a Bengal, é caracterizado como um espaço cosmopolita e porto ocidental de chegada e de entrada na China, onde os norte-americanos recebem correspondência dos E.U.A.,⁶⁶ enumerando o texto alguns locais de interesse no território, nomeadamente os jardins da Gruta onde Camões, de acordo com a lenda, redigira *Os Lusíadas*, e a *Casa Garden*:

It is a rising ground on the western shore of the peninsula, and commands a view of the city, the harbour, the roads, and the neighbouring islands. There is an elegant house belonging to it, and the gardens, which are very extensive and judiciously laid out, render it a terrestrial paradise. This place has generally been occupied by Europeans, and at present is the residence of Messrs. Lance and Fitzhugh, of the English house [...]. It is so eminently delightful, that it has obtained the name of *Casa da horta*, or Garden-House (SS: 247).

Apesar de os negócios e as estratégias diplomáticas de Shaw ocuparem os seus diários, a descrição de Macau, dos hábitos dos portugueses e dos demais ocidentais só é possível devido à estada forçada do autor na cidade-fronteira, ao ver-se impossibilitado de viajar para a Índia, pois o interesse norte-americano no Império do Meio reside sobretudo nos negócios em Cantão. O cosmopolita território chinês sob administração portuguesa funciona, assim, como um espaço, simultaneamente exótico e familiar, de recreio, onde o diarista recolhe informação, em primeira mão, sobre as administrações portuguesa e chinesa e as atracções locais, como o jogo, dados que são, decerto, úteis para futuros mercadores, seus conterrâneos, que viajem até a Cantão e que, deste modo, não dependerão, como acontece com Shaw, de antigas narrativas de viagem inglesas e olhares protestantes, como os da viagem do comodoro Anson e que referem também a vivência católica da urbe materializada nas construções de prestígio como conventos, igrejas e fortes. O sobrecarga-diplomata encontra, assim, no território, dois Outros, o europeu católico e o chinês, tornando-se *Ou-Mun*, como os chineses chamam a Macau, uma zona de contacto⁶⁷ estratégica entre ocidentais e orientais para o estabelecimento e desenvolvimento do *China trade* norte-americano.

⁶⁶ “The Dutch and Swedes were gone to Canton. I visited the French, supped with the Danes [...]. [...] I received a letter from P. N. Smith [...], merchant, of New York [...].” (SS: 291).

⁶⁷ O conceito de contact zone é desenvolvido por, como sinónimo de fronteira cultural, invocando a co-presença temporal e espacial de sujeitos previamente separados geográfica e historicamente, sendo neste mesmo espaço que se dá o fenómeno a que Brian M. Fagan, *Clash of Cultures*, 1998, pp. 23 e 28, denomina de “confronto de culturas”.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia activa

SHAW, Samuel (1968a), in *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, introdução e notas de Josiah Quincy, Ch'eng-wen Publishing House, Taipei.

Bibliografia passiva

Manuscritos

British Library-Oriental and India office Collection: G/12/18, 20, 79; R/10/12, 14-15.

Estudos e fontes impressos

AITCHISON, Jean (1993), *Language Change: Progress or Decay*, Cambridge University Press, Cambridge.

BATALHA, Graciete Nogueira (1988a), *Glossário do Dialecto Macaense-Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas, fac-simile da Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, vols. 15 (1974), 16 (1974) e 17 (1977), Instituto Cultural de Macau, Macau.

_____ (1988b), *Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense: Novas Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*, Instituto Cultural de Macau, Macau.

BRAGA, José Maria (1940), *Tombstones in the English Cemeteries at Macao*, Macao Economic Services Department, Macau.

CAMPBELL, John (ed.) (1744), *Navigantium atque Itinerantium Bibliotheca: or, a Compleat Collection of Voyages and Travels, Consisting of above Four Hundred Authentick Writers*, vol. 1., Londres, s./ed.

COATES, Austin (1990), *Myself a Mandarin*, Oxford University Press, Oxford.

_____ (1989), *Macao and the British 1637-1842, Prelude to Hong Kong*, Oxford University Press, Oxford.

CONNER, Patrick (1986), *The China Trade 1600-1860*, The Royal Pavillion, Art Gallery and Museum, Brighton.

COOK, Alastair Penny (1999), *The Cultural Politics of English as an International Language*, Longman, Londres.

CROW, Carl (1941), *Foreign Devils in the Flowery Kingdom*, Hamish Hamilton, Londres.

DENNETT, Tyler (1922), *Americans in East Asia: A Critical Study of the Policy of the United States with Reference to China, Japan and Korea in the 19th Century*, The Macmillan Company, Nova Iorque.

DOWNING, C. Toogood (1972), *The Fan-Qui in China in 1836-7*, vol. 1, Irish University Press, Shannon.

DOWNES, Jacques M. (1997), *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*, Lahig University Press, Bethlehem.

DULLES, Foster Rhea (1930), *The Old China Trade*, Houghton Mifflin, Boston.

_____ (1946), *China and America: The Story of their Relations since 1784*, Princeton University Press, Princeton.

EASTMAN, Lloyd E. (1988), *Family, Fields and Ancestors: Constancy and Change in China's Social and Economic History-1550-1949*, Oxford University Press, Oxford.

EITEL, E. J. (1895), *Europe in China: The History of HongKong from the Beginning to the Year 1882*, Luzac & Company, Londres.

FAGAN, Brian M., *Clash of Cultures*, Altamira Press, Londres, 1998.

FERREIRA, José Santos (1990), *Docis Papiâçam di Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau.

GREEN, O. M. (07 a 12 de 1934), «Pidgin-English», *The Fortnightly*, nova série, vol. 36: 331-340.

HALL, Robert A. (1944), «Chinese Pidgin English Grammar and Texts», *Journal of the American Oriental Society*, vol. 64, n.º 3: 95-113.

HOLMES, Janet (2001), *An Introduction to Sociolinguistics*, Longman, Londres.

HU, Hsien Chin (01 a 03 de 1944), «The Chinese Concepts of "Face"», *American Anthropologist*, nova série, vol. 46, n.º 1, parte 1: 45-64.

HUNTER, William C. (1885), *Bits of Old China*, Kegan Paul, Trench & Co., Londres.

_____ (1970), *The 'Fan Kwae' at Canton Before the Treaty Days 1825-1844*, Ch'eng-wen Publishing Company, Taipei.

JAY, John (1968), "To Mr. Samuel Shaw. Office of Foreign Affairs, June 23d, 1785", in Samuel Shaw, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, "Appendix", introdução e notas de Josiah Quincy, Ch'eng-wen Publishing House, Taipei: 341.

KEAY, John (1993), *The Honourable Company: A History of the English East India Company*, Harper Collins, Londres.

LANG, George (2000), «“Hardly More Intelligible than Chinese Itself”: A Brief Account of Chinese Pidgin English», *Asian Englishes*, vol. 3, n.º 1, pp. 21-38.

LAPÉROUSE, Jean-François (1970), *Voyage de Lapérouse autour du monde pendant les années 1785, 1786, 1787 et 1788*, prefácio de Pierre Sabbagh, Club des Libraires de France-Edito-Service S. A., Genebra.

LOYD, Christopher (1973), «Introduction», in Philip Sumarez, *Log of the Centurion. Based on the Original Papers of Captain Philip Saumarez on Board HMS Centurion, Lord Anson's Flagship During his Circumnavigation 1740-1744*, Hart-Davis/MacGibbon, Londres, pp. 10-13.

MENTE, Boye Lafayette De (1996), *NTC's Dictionary of China's Cultural Code Words*, NTC Publishing Group, Lincoln Wood.

MORSE, Hosea Ballou (1926), *The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*, vols. 1-4, Clarendon Press, Oxford.

OLIVEIRA, João Carlos (2000), «Sociedade e Quotidiano», in A. H. de Oliveira Marques, *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 3.: *Macau e Timor do Antigo Regime à República*, Fundação Oriente, Lisboa: 313-480.

PEREIRA, Galiote, *Tratado da China* (1989; c. 1552), in Luís de Albuquerque (dir.), *Primeiros Escritos Portugueses sobre a China*, Publicações Alfa, Lisboa: 15-49.

PEYREFITTE, Alain (1991), *Un choc de cultures. La vision des chinois*, Fayard, Paris.

PUGA, Rogério Miguel (2002), «A Vivência Social do Género de Macau Oitocentista no Diário de Harriet Low (Hillard)» *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, n. 56, vol. 15: 605-664.

_____ (2004), «Chinese Pidgin English as a Narrative Strategy and the Polyphonic Dimension of Austin Coates' *City of Broken Promises* (1967) and Timothy Mo's *An Insular Possession* (1986)», *BELL 2004: Belgium Journal of English Language and Literatures-The Language/Literature Interface*, nova série, n.º 3: 103-112.

_____ (no prelo), s. v. «Anson, Lord George», in *Dicionário de História de Macau*, Centro de Publicações-Universidade de Macau, Macau.

_____, «O Olhar através do Género. A Imagem do Índio Brasileiro na Literatura Portuguesa de Quinhentos», in Fernando Crisóstomo (coord.), *O Olhar do Viajante: Dos Navegadores aos Exploradores*, Almedina-Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Coimbra, 2003, pp. 178-229.

_____ (no prelo), s. v. «*Chinese Pidgin English*», in *Dicionário de História de Macau*, Centro de Publicações-Universidade de Macau, Macau.

_____ (no prelo), s. v. «Lapérouse (La Pérouse), conde de», in *Dicionário de História de Macau*, Centro de Publicações-Universidade de Macau, Macau.

_____ (no prelo), s. v. «Protestant Cemetery», in *A Historical Encyclopedia of Sino-American Relations*, McFarland, Jefferson.

PRITCHARD, Earl H. (1929), *Anglo-Chinese Relations during The Seventeenth and Eighteenth Centuries*, publicado em *University of Illinois Studies in the Social Sciences*, vol. 17, n.º 1-2, Março-Junho de 1929, University of Illinois, Urbana.

_____ (2000), *Britain and the China Trade 1635-1842*, vol. 6: *The Crucial Years of Early Relations: 1750-1800*, Routledge, Londres.

QUINCY, Josiah (1968a), “Preface”, Samuel Shaw, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, introdução e notas de Josiah Quincy, Ch’eng-wen Publishing House, Taipei: v-viii.

_____ (1968b), “Memoir”, in Samuel Shaw, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, introdução e notas de Josiah Quincy, Ch’eng-wen Publishing House, Taipei: 1-124.

RIDE, Lindsay (1963), *The Old Protestant Cemetery in Macao: A Lecture Delivered on 7 May, 1962*, edição do autor, s./ l.

RIDE, Lindsay e May Ride (1996), *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, introdução de Bernard Mellor, Hong Kong University Press, Hong Kong.

SEGALEN, Victor (1999), *Essai sur l’exotisme*, Le Livre de Poche, Paris.

SHANGHNESSY, Edward L. (ed.) (2000), *China: The Land of the Heavenly Dragon*, Duncan Baird Publishers, Londres.

SILVA, Beatriz Basto da (1997), *Cronologia da História de Macau*, vol. 2: *Século XVIII*, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau.

SMITH, Arthur H., *Chinese Characteristics*, Oliphant, Anderson & Ferrier, Edimburgo, s./ d.

SMITH, Philip Chadwick Foster, *The Empress of China*, Philadelphia Maritime Museum, Filadélfia, 1984.

SOMERVILLE, Boyle (1934), *Commodore Anson's Voyage into the South Seas and Around the World*, William Heinemann Ltd., Londres.

STEEG, Clarence L. (1953), «Financing and Outfitting the First United States Ship to China», *Pacific Historical Review*, vol. 22: 1-12.

SUMAREZ, Philip (1973), *Log of the Centurion Based on the Original Papers of Captain Philip Saumarez on Board HMS Centurion, Lord Anson's Flagship During his Circumnavigation 1740-44*, transcrição e notas de Leo Heaps, Hart-Davis, MacGibbon, Londres.

TEIXEIRA, Padre Manuel (1940), *Macau e a sua Diocese*, vol. 2, Imprensa Nacional, Macau.

_____ (1985), *The Protestant Cemeteries of Macao*, Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, Macau.

_____ (04 a 09 de 1996), «Samuel Shaw: The First American Consul in Macao», *Review of Culture*, edição inglesa, segunda série, n.º 27/28: 45-47.

_____ (1997), *Toponímia de Macau*, 2 vols., Instituto Cultural de Macau, Macau.

TOMÁS, Isabel (1998), «O Crioulo Macaense (Algumas Questões)», *Revista de Cultura*, ano 2, vol. 2, n.º 5: 36-48.

_____ (02 a 04 de 1990), «The Life and Death of a Creole», *Review of Culture*, edição inglesa, ano 4, vol. 3, n.º 9: 55-65.

VALE, António M. Martins do (1996), «A População de Macau na Segunda Metade do Século XVIII», *Povos e Culturas*, n.º 5, pp. 241-254.

_____ (1997), *Os Portugueses em Macau (1750-1800): Degredados, Ignorantes e Ambiciosos ou Fiéis Vassallos d'El Rei?*, Instituto Português do Oriente, Macau.

_____ (2001), «Macau: Os Eventos Políticos. 2», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor. O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa: 159-227.

WALTER, Richard (1748), *A Voyage Round the World in the Years MDCCXL, I, II, III, IV, by George Anson, Esq., Commander in Chief of a Squadron of His Majesty's Ships, Sent upon an Expedition to the South-Seas. Compiled From Papers and other Materials of the Right Honourable George Lord Anson, and Published under his Direction. By Richard Walter M. A., Chaplain of His Majesty's Ship the Centurion, in that Expedition. The Third Edition, with Charts of the Southern Part of the South America, of Part of the Pacific Ocean and of the Track of the Centurion Round the World*, John and Paul Knapton, Londres.

_____ (1928), *Anson's Voyage Round the World*, introdução e notas de G. S. Laird Clowes, Martin Hopkinson, Londres.

WILLIAMS, Glyndwr (ed.) (1967), *Documents Relating to Anson's Voyage Round the World 1740-1744*, Navy Records Society, Londres.

_____ (1999), *The Prize of all Oceans: The Triumph and Tragedy of Anson's Voyage Round the World*, Harper Collins, Londres.

WILLIAMS, Samuel Wells (1874), *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language*, American Presbyterian Mission Press, Xangai.

YANG, Mayfair Mai-hui (1995), *Gifts, Favors & Banquets: The Art of Social Relationships in China*, Cornell University Press, Ithaca.

YULE, Henry e Arthur C. Burnell (1996), *Hobson Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, Wordsworth Editions, Ware.

